



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A ironia como recurso estilístico de denúncia social no conto
“Negrinha” de Monteiro Lobato**

JOAQUINA RAFAELA CUSTÓDIO DA COSTA

**Catolé do Rocha – PB
2014**

JOAQUINA RAFAELA CUSTÓDIO DA COSTA

**A ironia como recurso estilístico de denúncia social no conto
“Negrinha” de Monteiro Lobato**

Artigo de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora:
Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes

**Catolé do Rocha – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837i Costa, Joaquina Rafaela Custodio da
A Ironia com recurso estilístico de denúncia social no conto
"Negrinha" de Monteiro Lobato [manuscrito] : / Joaquina Rafaela
Custodio da Costa. - 2014.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.
"Orientação: M. Sc. Marta Lúcia Nunes, Departamento de
Letras e Humanidades".

Literatura; Conto; Ironia; Realidade Social I. Título.

21. ed. CDD 469

JOAQUINA RAFAELA CUSTÓDIO DA COSTA

**A ironia como recurso estilístico de denúncia social no
conto “Negrinha” de Monteiro Lobato**

Aprovado em 24 de Fevereiro de 2014

Marta L. Nunes

Prof^a.Msc. Marta Lúcia Nunes
Orientadora – UEPB/CAMPUS IV

Doralice de Freitas Fernandes

Prof^a.Msc. Doralice de Freitas Fernandes
Examinador/a – UEPB/CAMPUS IV

José Marcos Rosendo de Souza

Prof^a.Esp. José Marcos Rosendo de Souza
Examinador/a – UEPB/CAMPUS IV

**Catolé do Rocha – PB
2014**

AGRADECIMENTOS

“Se os seus sonhos estão nas alturas, não se preocupe eles estão no lugar certo; construa alicerces e suba até a eles.”

Shakespeare.

Agradeço a Deus por ter sido a minha força nos momentos mais difíceis e por ter me ajudado nos obstáculos que se apresentaram durante estes três anos e meio do curso e a quem dedico minha vitória. Te amo!

A minha mãe, SEVERINA, por ter contribuído ao longo de minha vida para que fossem criadas as condições para realização deste curso, e por sempre se fazer presente ao meu lado. Mãe, te amo!

Ao meu namorado, Danilo Avner, companheiro, amigo fiel, que suportou sem reclamar os exageros e noites em que fiquei impossibilitada de vê-lo. Meu amor, obrigada por ser junto com minha mãe, meu porto seguro. Meu bem, te amo!

A Enzo Lucas, meu querido sobrinho, que me revigora simplesmente por existir. Te amo, meu pequeno.

Ao meu amigo fiel e irmão Neto, a quem muito devo, pois está sempre ao meu lado apoiando todas as minhas decisões e sempre com uma palavra de incentivo. Obrigada, irmão! Estarás sempre no meu coração.

Aos colegas que ajudaram incentivando na realização de trabalhos.

Aos professores e tutores que ensinaram e transmitiram um pouco de suas experiências.

A minha orientadora, Professora Marta, que com muita paciência me animou a prosseguir, grata pela sabedoria. Você é minha inspiração e motivação para aprender sempre!

E a todos aqueles que, de maneira direta ou indireta, dedicaram parte do seu tempo rezando por mim, bem como os meus colegas de trabalho que torceram para ver o meu sonho se tornar realidade.

Todos vocês são responsáveis por esta conquista. Obrigada de coração!

Sem os sonhos, as perdas se tornam insuportáveis, as pedras do caminho se tornam montanhas, os fracassos se transformam em golpes fatais. Mas se você tiver grandes sonhos... seus erros produzirão crescimento, seus desafios produzirão oportunidades, seus medos produzirão coragem. Por isso, meu ardente desejo é que você: NUNCA DESISTA DOS SEUS SONHOS.

Augusto Cury

RESUMO

Introduzida via tradição oral através dos contadores de história que narravam lendas e contos nas comunidades, a literatura, ganha o gosto popular atingindo todas as esferas sociais. Com o surgimento da escrita, a oralidade foi aos poucos sendo levada para a linguagem escrita, tornando-se muitas vezes canal de denúncia social como a temática abordada no conto Negrinha que retrata a vida difícil da pequena órfã, filha de escrava, junto à antiga patroa de sua mãe. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo analisar o conto Negrinha estabelecendo um paralelo com a sociedade atual, destacando a ironia como recurso de denúncia utilizado por Monteiro Lobato para revelar a real situação de âmbito social. O trabalho está fundamentado em Giardinelli (1992), Milliet (*apud* Camargos et al, 2008) dentre outros.

Palavras-chave: Literatura; Conto; Ironia; Realidade Social.

ABSTRACT

Introduced through the oral tradition storytellers recounted legends and stories in communities, literature, wins the popular taste reaching all social spheres. With the emergence of writing, orality was gradually being brought to the written language, often becoming channel social protest as it narrated the tale Negrinha which portrays the difficult life led by the tiny orphan daughter of a slave, by the former employer of his mother. Thus, this study aims to examine the Scaup tale drawing a parallel with the current society, highlighting the irony of the complaint as a resource used by MonteiroLobato to reveal the real situation of social context. The work is based on Giardinelli (1992), Milliet (*apud* in Camargos et al, 2008), among others.

Keywords: Literature; Tale; Irony; Social Reality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 MONTEIRO LOBATO E A LITERATURA ENGAJADA	10
2 CONTO: A ARTE DA NARRATIVA CURTA	13
3 A IRONIA COMO RECURSO DE DENÚNCIA SOCIAL	15
4 O CONTO NEGRINHA: RETRATO DA REALIDADE DOS ESCRAVOS	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20

INTRODUÇÃO

A história do Brasil é marcada pelo massacre e dominação dos considerados donos do capital e do conhecimento. Primeiro, os nativos foram o alvo dos colonizadores e, não bastasse a carnificina a que submeteram os índios, “importaram” africanos para o trabalho nos canaviais, servindo de escravos, maltratados e humilhados pelos poderosos senhores dos engenhos, numa relação brutal de abuso de poder e autoridade.

Sabe-se que ao longo da história muitos se rebelaram contra a situação humilhante em que viviam os escravos. Os abolicionistas lutaram arduamente na tentativa de mudar o padrão social do negro no Brasil. Leis como a do Ventre Livre, Sexagenária e Eusébio de Queiroz, foram criadas e sancionadas até a Lei Áurea, de 1888. No entanto, pensou-se na libertação da escravatura, mas não em como viveriam esses escravos ao se verem livres, sem ter onde morar e em que trabalhar ao chegarem às cidades.

Escritores renomados como Castro Alves representaram muito bem o movimento abolicionista. Outros, como Monteiro Lobato, autor da obra deste estudo trouxeram a tona a realidade de uma personagem pós 13 de maio de 1888. Nela fica clara a mentalidade tacanha de uma pessoa autoritária, como a Dona Inácia, que além de mesquinha e maldosa, vive sob a aparência da senhora caridosa que finge gostar de ajudar aos menos afortunados.

O exposto acima é enfatizado por Oliveira (1998, p.134) quando afirma que a “superação do escravismo não eliminou a heterogeneidade e a exclusão social”, visto que os negros ainda são vítimas de preconceito e exclusão bem como os grupos que formam as minorias que vivem à margem da sociedade.

Lobato coloca com maestria a situação dos negros que se encontram sob tal poder, ao apresentar a Negrinha e suas dores físicas e psicológicas, numa ironia que pode passar despercebida ao leitor.

É irônico perceber a ausência de caridade no representante da igreja, nas criadas que também a maltratam e, mesmo nas sobrinhas de D. Inácia que zombam da Negrinha por não conhecer uma boneca, numa demonstração clara da educação elitista que exclui os considerados

inferiores, mostrando que “nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador.” (BONNICI, 2009, p. 265).

O conto Negrinha é tão atual no contexto social, como se fora atualmente escrito. Não há mais a escravidão como a retratada, mas há também escravidão no âmbito social; na exclusão e na humilhação sofridas pelas minorias ou pelos que fogem dos parâmetros ditados pela sociedade; mesmo com as leis criadas para assegurar direitos fundamentais aos negros, que garantem a pena de qualquer um que aja de modo racista.

Enfatizando o exposto, os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre analfabetismo configuram um mapa de desigualdades que Alceu Ferraro, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atribui à concentração de terra, de renda e de oportunidades. Segundo Ferraro, “o país continua pagando o preço de dois fatores conjugados. Primeiro, do descaso secular do Estado, e, segundo, de um conjunto de fatores responsáveis pela enorme desigualdade social que tem, desde sempre, marcado a sociedade brasileira”. São 14 milhões de analfabetos, segundo o IBGE. Desses, a maior parte se encontra na região Nordeste, em municípios com até 50 mil habitantes, na população com mais de 15 anos, entre negros e pardos e na zona rural, ou seja, encontra-se na população historicamente marginalizada. (REVISTA COM CIÊNCIA, 2013).

Mediante o exposto o presente artigo tem por objetivo analisar o conto Negrinha estabelecendo um paralelo com a sociedade atual, destacando a ironia como recurso de denúncia utilizado por Monteiro Lobato para revelar a real situação de âmbito social.

1 MONTEIRO LOBATO E A LITERATURA ENGAJADA

É notório que “durante o Brasil colônia, a sociedade encontrava-se firmada sob uma estrutura produtiva escravocrata, onde a monocultura, o latifúndio, a figura do senhor de engenho e a do escravo constituíam a base da organização social” (FERNANDES, 1964, p. 31).

O início do século XX trouxe muitos revezes para o Brasil; dentre eles destacam-se a Proclamação da República não trouxe o resultado esperado pelos brasileiros, os barões do café monopolizavam o cenário político e a situação da população era praticamente a mesma do Império, assim como a situação caótica dos negros recém alforriados; ou seja, o Brasil passava por transformações sociais e econômicas uma vez que a urbanização era acelerada em vista do desenvolvimento industrial; a modernização era uma realidade, mas nas esferas sociais o preconceito para com aqueles que eram negros ou descendentes destes, era gritante.

Neste cenário nasceu Monteiro Lobato em 1882, filho de pais abastados, sempre demonstrou interesse pela Literatura, e aos 14 anos já escrevia contos para os jornais, portanto, não por acaso tornou-se um dos maiores escritores infanto-juvenis do Brasil. Cresceu numa fazenda de Taubaté, estado de São Paulo e sempre demonstrou interesse pela leitura. Era um homem de convicções firmes no que dizia respeito a si e ao seu país.

Já adulto foi morar nos Estados Unidos, onde iniciou sua luta em prol dos interesses nacionais, condenando a exploração estrangeira no país, com o que ele chamava “a macaquice dos brasileiros”, numa apologia à valorização dada ao que é estrangeiro; defendendo ardorosamente as riquezas naturais do Brasil, fato que o levou a lutar para transformar o Brasil num país próspero.

Saliente-se que Monteiro Lobato considerava-se um cético. Normalmente causava polêmicas por conta de seus ideais e não seguia padrões nos quais não acreditasse. Dava sua opinião abertamente e quando podia criticava situações ou obras que não considerasse relevantes. Na literatura é considerado Pré-Modernista, no entanto seu estilo narrativo é próximo do Modernismo, dando importância ao homem brasileiro e a cultura.

Lobato apresenta características até então não exploradas no universo literário para crianças: apelo a teorias evolucionistas para explicar o destino da sociedade; realidade brasileira; olhar empresarial e patronal; preocupação com problemas sociais; soluções idealistas e liberais para os problemas sociais; tentativa de despertar no leitor uma flexibilidade face ao modo habitual de ver o mundo.

Escritor, editor, tradutor, ensaísta e advogado, Monteiro Lobato (1882-1948) se distinguiu como um dos personagens mais influentes da cultura brasileira na virada do século XIX para o século XX. Sempre foi uma figura polêmica, não fugindo do debate público. Execrou a obra de Anita Malfatti na Semana de Arte Moderna, realizou campanhas pela leitura e anteviu que o Brasil seria um grande produtor de petróleo. Mas o seu maior legado é o conjunto de livros narrando às aventuras do Sítio do Picapau Amarelo (sic), que encantaram várias gerações de brasileiros e o transformaram numa lenda nacional no que se refere a fábulas.

Mas não é apenas na Literatura Infantil, na polêmica e na crítica que ele focou seu talento. Observador da precária situação em que vivia a maioria do povo brasileiro, em muitas obras como o “Presidente Negro” e “Negrinha”, Monteiro denunciou a desigualdade entre brancos e negros, herança cultural de um país marcado pela escravidão e um passado de dominação do branco.

Especialmente no conto Negrinha vê-se aflorar em Monteiro Lobato um crítico social, disposto a denunciar um sistema escravocrata que se prolonga por anos a fio, apesar da abolição da escravatura em 1888, trinta e dois anos antes da produção da obra. O conto apresenta um painel das relações entre o colonizador e o colonizado.

A órfã Negrinha, personagem do conto objeto do estudo, vive sob a “suposta” proteção de Dona Inácia, mas no interior do lar que a acolheu, ela é vítima de maus tratos nas mãos desta mulher caricaturesca que representa com precisão a mentalidade da classe dominante, que precisa mostrar aos outros como é nobre e bondosa. O que a sociedade não percebe é o sofrimento que aflige a pequena Negrinha, que nas palavras do autor “está sempre calada e com olhos assustados”. (LOBATO, 1994, p. 22).

O que acontece para ela ficar com este aspecto? Ninguém se pergunta por que a imagem bondosa de Dona Inácia está acima de qualquer suspeita, pela elevada conduta moral que ela representa na comunidade. Deste modo jamais poderiam imaginar que ela seria capaz de maltratar alguém sob sua proteção.

Desta forma a produção literária deste período passa a ser crítica, com temas de denúncia social e personagens típicos do Brasil em transição

do Regime Monárquico para a República; da escravidão para a liberdade dos negros, fato que ao invés de gerar melhores condições de vida provocou uma miséria maior já que a mão-de-obra utilizada nas lavouras seria a imigrante.

Monteiro Lobato soube usar cada momento histórico para compor os personagens de suas obras, como o fez em “Jeca Tatu”, “O Presidente Negro”, “Pedrinho” e tantas outras onde aliou realidade e ficção em personagens que transcenderam o tempo. Autor da célebre frase “um país se faz com homens e livros”, ao longo de sua vida, dedicou suas obras principalmente ao público infantil. Escreveu em torno de duas dezenas de livros para crianças e outros tantos volumes para adultos, entre contos, ensaios e artigos.

Fato que provoca admiração entre a Comunidade Literária e leva escritores como Oswald de Andrade a afirmarem:

A Lobato deve muito o Brasil. Em primeiro lugar o exemplo magnífico e raro do intelectual que não se vende e não se aluga, não se coloca a serviço dos poderosos ou dos sabidos. Depois, foi ele um homem de ação e um descobridor. Devem-se a ele a campanha do livro e a campanha do petróleo. Foi ele o criador da nossa literatura infantil. (COM CIÊNCIA, 2013)

Quanto ao fato dos críticos o considerarem racista, autores consagrados o defendem e afirmam enfaticamente:

“Os americanos odeiam os negros. Mas, nós somos um povo afetuoso. O nosso racismo não tem a ver com o racismo internacional. No Brasil, onde branco rico entra negro rico também entra. Esse pessoal do politicamente correto é muito chato. Fica buscando racismo em tudo”. (ZIRALDO, 2013, p.24).

“O politicamente correto é ridículo. Eles querem que eu chame anão de “pessoa verticalmente prejudicada”. (ROCHA, 2013, p. 67)

“Coloco a pergunta para todos nós que lemos Lobato na infância, principalmente para os que acham que não há racismo no livro e que é normal, seja nos tempos da escravidão ou nos dias de hoje, humilhar os

negros somente porque o insulto vem do “pai” da literatura infantil brasileira”. (GONÇALVES, 2013, p. 47).

De modo que mesmo em meio à polêmica não há como negar a importância do escritor Monteiro Lobato para a Literatura Brasileira. Tanto é que em 8 de janeiro de 2002, o dia 18 de abril foi oficializado como Dia Nacional do Livro Infantil, em homenagem ao nascimento de um dos maiores escritores brasileiros do século XX.

2 CONTO: A ARTE DA NARRATIVA CURTA

O conto é uma obra de ficção que cria um universo de seres e acontecimentos, de fantasia e imaginação. O referido gênero apresenta uma linguagem simples, frases curtas, mas de grande impacto, apresenta antíteses (ideias diferentes), paradoxos (ideias contrárias em equilíbrio) que fazem com que o conto tenha vida. É um texto de pequena extensão, conciso, cuja narrativa é o mais dinâmica possível; mas que nem sempre deixa de ter grande profundidade, levando em consideração a dimensão crítica desenvolvida pelo autor, como por exemplo, Monteiro Lobato.

Além de Monteiro Lobato, escritores brasileiros como Machado de Assis e Rubem Alves, se utilizaram do conto para tecer críticas à sociedade, traçar perfis da realidade e satirizar situações muitas vezes imperceptíveis pela população. Os escritores encontraram no conto uma forma rápida de transmitir uma mensagem repleta de intencionalidade, envolvendo poucos personagens, num espaço restrito e com uma história curta. Desse modo, o leitor tem contato, em pouco tempo, com o clímax e o desfecho da história.

Foi no século XIX que o conto obteve maior sucesso como forma literária, conforme Goyanes (1967, p. 27):

O século XIX é, nas literaturas européia e americana, o grande século do conto; e a simples menção de nomes tão significativos como os de Maupassant, Daudet, Chekov, Oscar Wilde, Edgar Allan Poe, Hoffmann etc, fala-nos eloqüentemente do alcance e da universalidade do gênero, elevado então à categoria de clássico.

Se o conto se concretizou nas literaturas de nações e povos que desempenhavam controle sobre as demais, e que dominavam as artes, as ciências, a filosofia e os demais campos do conhecimento humano, o conto, certamente, não deixaria de ser adotado pelos demais continentes.

Giardinelli (1992, p. 54), enfatiza o exposto e defende que o conto é um dos gêneros literários mais dinâmicos, e acrescenta:

Sustento sempre que o conto é o gênero literário mais moderno e que maior vitalidade possui pela simples razão que as pessoas jamais deixarão de contar o que se passa, nem de interessar-se pelo que lhes contam bem contada.

O conto tem sido motivo de pesquisas e estudos mais profundos por parte das universidades, em que professores e críticos literários se debruçaram sobre tal gênero comparando estilos, influências, motivações, conseqüências e contextos nos quais os escritores estão inseridos; o que leva a crer que os contos por sua concisão nunca deixará de ser usado na Literatura.

Nas escolas, os contos, são excelentes recursos para incutir o gosto pela leitura uma vez que a grande maioria dos alunos não têm ainda desenvolvido o hábito de lê, necessitando, portanto, de textos mais curtos.

Amarilha (1997, p. 49) defende os contos, pois para ela:

A linguagem literária organiza os fatos diferentes da linguagem oral do cotidiano. Como essa roupagem tem bossa, ritmo, humor, o leitor mirim percebe que está diante de uma maneira diferente de ser da língua. É por essa razão que muitas vezes a criança solicita a repetição de uma mesma história, principalmente, crianças pré-escolares. Visto que não dominam ainda os esquemas e convenções da escrita, elas precisam ter um apoio para aprenderem as novidades da linguagem literária- o ritmo das frases, o jogo de sonoridade, a arrumação das palavras são para elas pontos de referência no acesso à escrita.

Outra autora que pontua a importância do conto é Teles (1974, p. 7), ao situar que:

O conto pela sua natureza breve e estrutura, esteve sempre ao nível do indivíduo; pelo seu caráter sintético, de simples

corde na realidade, nunca chegou a delinear uma imagem nítida e total da sociedade, embora a sua origem seja de natureza gregária, ligada ao clã e à família.

A estrutura do conto é plana e horizontal, com linguagem simples, embora padrão, que visa chamar a atenção do leitor. O enredo conta a história do herói, com a repetição dos sentimentos e ações nobres ou não de seu caráter. Os personagens devem ter uma qualidade, uma ação, uma atuação: boa ou má, obediente ou não, feia ou bonita, sem variações psicológicas (CARVALHO, 1985, p. 56).

Acredita-se que o conto terá vida eterna, nunca deixará de ser usado por facilitar a vida dos escritores. E essa segurança tem-se tornado mais evidente pelo fato de receber esse gênero da literatura o elogio de renomados escritores. É uma forma de montar enredos, cujos personagens interagem intensamente, em que a linguagem avança com celeridade e busca conclusões imediatas.

O conto tem sido pretexto de pesquisas e estudos mais densos por parte das universidades, em que professores e críticos literários se debruçaram sobre tal gênero confrontando estilos, influências, motivações, conseqüências e os contextos nos quais os escritores estão inseridos.

3 IRONIA COMO RECURSO DE DENÚNCIA SOCIAL

A ironia é um instrumento estilístico ou de retórica que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando sempre uma distância intencional entre o que se diz e o que realmente se pensa. Na Literatura, a ironia é a arte de zombar de alguém ou de alguma situação, visando obter uma reação do leitor, ouvinte ou interlocutor. O referido recurso convida o leitor a refletir sobre o tema e posicionar-se acerca do mesmo.

A ironia tem sua origem na Grécia, sendo amplamente utilizada por Sócrates e Aristóteles e ao longo dos séculos por escritores renomados a exemplo de Monteiro Lobato e Machado de Assis, mestres em propiciar tensão entre o simples enunciado e suas múltiplas interpretações.

Para Behler, a consciência do jogo *na obra e sobre a obra* (1997, p. 61). Tal ironia não se restringe a um único gênero literário, nem se limita a

épocas determinadas, constituindo-se, antes, como uma das principais características da literatura moderna (Behler, 1997, p. 11).

Um dos principais aspectos da ironia literária é a possibilidade de acionar um novo tipo de relação entre o autor e seu público. Segundo Volobuef, (1999) a ironia romântica (...) não se esgota na mera interrupção do fluxo narrativo com o narrador dirigindo-se ao leitor. É muito além um recurso que se destina a fomentar uma constante discussão e reflexão sobre literatura – um processo do qual o leitor forçosamente participa.

Essa participação é alcançada na medida em que o escritor destrói a ilusão de probabilidade e desnuda o caráter ficcional da narrativa chamando a atenção do leitor para como o texto foi construído (Volobuef, 1998, p. 99).

Este aspecto é um dos recursos que chamam a atenção no Conto em foco, em frases como “*A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças*” (LOBATO, 1994, p. 23) fato que despertará o leitor para a ironia contundente na obra “Negrinha”.

4 O CONTO NEGRINHA: RETRATO DA REALIDADE DOS ESCRAVOS

Publicado em 1920, o livro de contos Negrinha, de Monteiro Lobato, foi um sucesso de vendas e alvo de controvérsias entre os críticos literários. Para Milliet (*apud* Camargoset al, 2008, p.11) “a obra reúne a melhor safra de textos cada vez mais concisos, que se modernizam continuamente ao retratar o típico cotidiano brasileiro”.

Os contos, a exemplo do conto Negrinha é conciso e expressa a difícil realidade vivida por Negrinha, filha de escrava, nascida na senzala e órfã aos quatro anos de idade; tornando-se então, objeto de pseudocaridade para o colonizador, representado pela figura da patroa, D. Inácia. Esta afirmação acima pode ser ilustrada por um trecho do próprio conto ao enaltecer as supostas qualidades da patroa em detrimento da garota da senzala:

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava,

recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo. (LOBATO, 1994, p.1).

“Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.” (idem, p. 18). Há nesse trecho uma característica importante de Negrinha: “olhos assustados”. Mais adiante o narrador relata: “Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados.” (ibidem).

Percebe-se neste trecho, como em outros o olhar crítico do Monteiro Lobato, preparado para denunciar um sistema escravocrata prolongado, onde o forte, que detém o capital domina o fraco, neste caso a Negrinha e a profunda hipocrisia social que escondem a verdadeira intenção da patroa, uma “alma tão caridosa!”, que assombra a criança, já que ela tem olhos sempre assustados.

Negrinha é sempre alvo de agressões pelos adultos e não compreende os motivos de tanta crueldade: “Não compreendia a ideia dos grandes”. (ibidem, p.23).

Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. “A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos.” (ibidem). Conforme assinala Delpriore (2004, p. 97): “O castigo físico em crianças não era nenhuma novidade no cotidiano colonial. Introduzido, no século XVI, pelos padres jesuítas, para horror dos indígenas que desconheciam o ato de bater em crianças [...]”. Como pode ser observado nesse trecho do conto em estudo:

“O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o imã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta... “. (idem, p. 18).

Assim, uma das estratégias mais eficazes empregadas pela patroa (mas não somente por ela) para tornar Negrinha uma subalterna é o uso da violência física.

Em todo o conto fica evidente a superioridade social da figura da patroa em relação à escrava, Negrinha, num vislumbre à sua posição inferior, ao não denominar a garota pelo nome, mas apenas como Negrinha, “magra, atrofiada”, faltando-lhe qualidades para ser uma “pessoa”.

D. Inácia, a patroa, mostra a verdadeira face quando está sem visitas. Neste momento é possível percebê-la em toda sua plenitude, na forma como trata sua “protegida”, Negrinha, que após a morte da mãe, se vê a mercê da “senhora piedosa” que não hesitava em castigá-la. Nem mesmo brincar Negrinha podia: “Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.” (idem, p. 19). Negrinha, então, devia ficar sentada, imóvel, durante horas e sem falar.

Negrinha é uma subalterna, excluída das atividades sociais, sem direito a falar ou ser ouvida pela patroa, e principalmente por está impossibilitada de lutar contra os desmandos de Dona Inácia, já que dependia diretamente dela para “viver”.

Percebe-se, pois, que a personagem Negrinha não tem voz, cresce muda; pois nenhum espaço lhe é dado para que se expresse, pelo contrário, qualquer forma utilizada para se fazer ouvir é imediatamente bloqueada. As palavras lhe são tiradas, não recebe ao menos um nome; é chamada por um nome que representa a sua cor.

Deste modo as cicatrizes internas e externas da Negrinha, só os mais próximos a percebem e mesmo assim têm que se calar já que não podem fazer nada a respeito, porque a sociedade vê apenas o que lhe interessa. Frustrada por não ter tido filhos e precisando de uma válvula de escape para suas mesquinhas, a senhora mantém seus escravos mesmo após a abolição, não por bondade, mas porque o autoritarismo inato a sua classe a faz querer manter o *status* de senhora da fazenda.

Na verdade Negrinha percebe-se como pessoa apenas quando tem contato com a boneca trazida pelas sobrinhas da D. Inácia que vêm passar férias na fazenda. O contato com um brinquedo, especialmente com a boneca que possui um simbolismo significativo para uma menina, Negrinha descobre a sua subjetividade, deixa de ser um objeto, uma “coisa”, para se tornar humana.

Desta forma a partir do momento em que Negrinha tem oportunidade de ser criança como as demais brincar com uma boneca, é que ela deixa de se vê como um objeto e se percebe como uma criança com sentimentos e desejos iguais aos das outras.

No final da narrativa, o narrador alerta: "E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas. - Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca? Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia: - Como era boa para um cocre!..." (idem, p. 28).

É interessante considerar alguns aspectos: em primeiro lugar o tema da caridade azeda e má, que cria infortúnio para os dela protegidos, um dos temas recorrentes de Monteiro Lobato; o segundo aspecto que poderia ser observado é o fenômeno da descoberta, a revelação que, inesperadamente, atinge os seres, mostrando-lhes o mundo e seu esplendor. A partir daí, tais criaturas sucumbem tal qual Negrinha o fez, preferindo ausentar-se do mundo. Nas palavras do autor "morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como gato sem dono". (Ibidem, p. 28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de séculos separarem a escravidão do contexto social contemporâneo, no Brasil ainda se vê no interior do país situações de servidão como a representada no conto "Negrinha". Há uma prática na sociedade onde a elite domina os menos favorecidos, colocando em voga o adágio popular do "manda quem pode, obedece quem tem juízo".

O conto se mostra atual ao denunciar a violência contra a criança, notadamente a negra, demonstrando a desigualdade social vigente entre os negros e os brancos. Em alguns trechos a ironia fica bastante acentuada; "[...] ainda mais vindo de uma senhora tão casta [...]; tão santa e cumpridora dos seus deveres religiosos, fazendo boas obras, tais como cuidar de uma menina negra, órfã, desde os quatro anos"; percebe-se que o conto irradia ironia diante da realidade vivenciada pelo negro.

No país da diversidade e dos grandes espetáculos culturais, como o Carnaval do Rio de Janeiro e a Festa de Parintins, no Amazonas; as

minorias lutam para verem reconhecidos seus direitos enquanto a sociedade pousa de liberal, numa postura que mascara o preconceito e a exclusão social, econômica, cultural e política, mostrada claramente no conto em estudo.

A análise do conto revelou a posição do narrador em face ao drama vivido pela personagem Negrinha. O narrador utilizou-se da ironia para desmascarar a sociedade hipócrita da época, que pretendia aparentar ser fundamentada na religião, na cristandade, porém, nas suas características, nas suas atitudes, demonstrava cultivar valores totalmente colonizadores, dominadores, desumanos e preconceituosos em relação ao outro.

É importante ressaltar que a Literatura muitas vezes é canal de denúncias sociais, como a retratada no conto e que historicamente tem permeado obras de autores mais atentos aos fatos que causam desigualdades, como a retratada por Monteiro Lobato.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ANDRADE, O. In. COM CIÊNCIA, **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível em <http://www.comciencia.br/> Último acesso em 19 de dezembro de 2013.

BEHLER, E. (1997). **Ironieetmodernité**. Paris: PUF.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá, PR: Eduem, 2005.

CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. **O polemista do conto**. In.: Negrinha. São Paulo: Globo, 2008. p. 10-14. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 24 novembro 2012.

DELPRIORE, Mary. (Org.). **O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império**. In: **História das crianças no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro à sociedade de classes**. 1964. Tese(Cadeira de Sociologia) - Faculdade de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, e Letras da Universidade de São Paulo.

GONÇALVES, Ana Maria. In. COM CIÊNCIA, **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível em <http://www.comciencia.br/> Último acesso em 19 de dezembro de 2013.

GIARDINELLI, Mempo. **PuroCuento, 1992**. Buenos Aires.

GOYANES, Mariano Baquero. **Quieselcuento**. Buenos Aires: Columba, 1967.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, Marco Antonio de. **Economia & Trabalho: textos básicos**. 2ed. Campinas: Unicamp, 1998.

ROCHA, Rute. In. COM CIÊNCIA, **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível em <http://www.comciencia.br/> Último acesso em 19 de dezembro de 2013.

TELES, Gilberto Mendonça. **Para uma teoria do conto**. In: Letras de Hoje, n. 18. Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, 1974.

VOLOBUEF, K. **Frestas e arestas**. A prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

ZIRALDO. In. COM CIÊNCIA, **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível em <http://www.comciencia.br/> Último acesso em 19 de dezembro de 2013.